

RELAÇÃO BRASIL - FRANÇA NO OITOCENTOS: FRUTO DE UMA EMPATIA CULTURAL OU DE UM PROJETO DE HEGEMÔNIA?

Thalita Moreira Barbosa¹

Resumo: A pergunta provocativa do título é proposital. Expressões que ligam o século XIX brasileiro à França são conhecidas dos historiadores do oitocentos, indo desde palavras do vocabulário francês que são utilizadas naturalmente no seu idioma de origem até mesmo a referências mais diretas que afirmam o século XIX como o século francês. A centralidade da França no cenário internacional ao longo do século é inegável, mas deveríamos entender a influência francesa na sociedade brasileira como fruto “natural” dessa centralidade ou como um projeto hegemônico maior? Para tanto, afim de estabelecer uma baliza acadêmica, nos apoiaremos na obra de Raymond Williams, *Cultura e materialismo* (2011), na qual o autor esclarece pontos que aqui serão fundamentais para a análise proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Século XIX; Influência francesa; Raymond Williams; Hegemonia.

THE RELATIONSHIP BETWEEN BRAZIL AND FRANCE IN THE XIX CENTURY: A CULTURAL EMPATHY OR A PROJECT OF HEGEMONY?

Abstract: The provocative question of the title is purposeful. Expressions linking the Brazilian's nineteenth-century to France are well known to historians of the nineteenth, beginning with French words that are “naturally” used when the subject is the nineteenth until even more direct references that affirm the nineteenth century as the French century. The centrality of France in the international background throughout the century is undeniable, but should we understand the influence in the Brazilian society as a "natural" fruit of this centrality or as a major hegemonic project? For the good, in order to establish an academic beacon, we will take as reference the work of Raymond Williams, *Culture and materialism* (2011), in which the author clarifies many important points that we are going to use in our paper.

Key Words: Nineteenth century; French influence; Raymond Williams; Hegemony.

¹ Mestranda em História. Programa de Pós Graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista CAPES. Contato: thalitabarbosa@hotmail.com

Maria Elisa Cevasco, em debate de lançamento do livro “Televisão: tecnologia e forma cultural”,² ao situar a problemática que impulsiona a trajetória intelectual de Raymond Williams, pontuou que o autor encontra-se em uma linhagem de pensadores do marxismo ocidental, em especial britânico, na qual a revolução social não encontrava-se mais no horizonte e a alternativa a isso seria conhecer o mundo para conseguir modificá-lo. Para que isso fosse possível, um dos elementos principais a serem entendidos e estudados deveria ser a cultura. Williams, após anos inserido no pensamento marxista vigente de então, conseguiu sair dele e criar uma nova forma de estudar a cultura, a qual ele denominou de materialismo cultural e é um dos mais relevantes e cruciais pontos de sua produção intelectual.

André Glaser ratifica a ideia de Cevasco no prefácio à edição brasileira do livro “Cultura e materialismo” (2011) ao dizer que “não há como negar a importância para os estudos culturais de Raymond Williams, que por toda a sua vida procurou desenvolver um trabalho focado nas complexas questões prático-teóricas que envolvem o conceito de cultura”³.

O materialismo cultural pensado por Williams propõe a reflexão sobre a produção e a reprodução de significados e valores que se dão na esfera cultural para as sociedades. Para o autor, a cultura é um conjunto de significados e valores que orientam e movem determinadas sociedades, sendo o espelho delas. Mas mais do que enxergar as produções como reprodução da sociedade, segundo o autor, os estudos culturais deveriam preocupar-se também em pensar a produção dessa “identidade” cultural, dos valores e significados que são transmitidos de volta para a sociedade através das próprias produções. Portanto, a arte e todas as outras formas de comunicação não seriam somente uma reprodução da sociedade mas precisam ser pensadas também como produtoras de significados e valores para a sociedade que as produz.

Se assim for analisada uma produção cultural, o olhar do estudioso, além de analisar na obra a sociedade que a produziu, deve também ser capaz de enxergar na sociedade os “reflexos” que aquela produção acarretou, numa interrelação contínua e dinâmica entre ambas. Para Williams, a produção cultural seria uma fábrica de subjetividades que nos ensina a sermos quem somos, criando significados e valores específicos que permeiam a linguagem e a

² Quarenta e dois anos após sua publicação original, em língua inglesa, o referido livro tem sua primeira edição brasileira, pela editora Boitempo, em 2011. Texto fundador dos estudos sobre televisão, são evidentes a pertinência e a importância desta obra nos dias atuais.

WILLIAMS, R. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. Trad. Márcio Serelle; Mário F. I. Viggiano. 1a ed. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, PUCMinas, 2016.

Debate de lançamento do livro disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YxofKT6pQmI>

³ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

comunicação como forças sociais formadoras (pensando aqui, em especial, na proliferação dos meios de comunicação de massa).

Além da centralidade da linguagem e comunicação na produção e reprodução de significados e valores, Williams aponta a importância das instituições, das relações sociais e das convenções formais. Nesse caso, as produções culturais fruto desse conjunto seriam materializações, concretizações dos significados e valores de determinadas sociedades.

A teoria proposta por Williams tem - considerando a relação entre base e superestrutura proposta em teorias marxista - a base como conceito central a ser estudado para entender as realidades do processo cultural pois, segundo o autor: Quando essas forças são consideradas, como Marx sempre as considerou, como as atividades específicas e as relações de homens reais, elas significam algo muito mais ativo, mais complexo e mais contraditório do que o desenvolvimento metafórico da noção de “base”⁴.

Portanto, ao falar em base, Williams refere-se a um processo, e não um a um estado. Para tanto deve-se afastar a noção de uma abstração fixa econômica e tecnológica e buscar entender as atividades específicas de homens e de mulheres em relações sociais e econômicas reais, com as contradições e variações que as permeiam, num estado sempre dinâmico, num processo contínuo.

Ao mesmo tempo, a superestrutura deve ser avaliada como uma “gama de práticas culturais relacionadas, afastando-a de um conteúdo refletido, reproduzido ou especificamente dependente”⁵.

Ao considerar essa visão e a dimensão que a cultura passou a ocupar a partir dos anos 1950 nas esferas sociais, a cultura poderia, então, ser entendida como um processo produtivo, material e social. A crítica das produções culturais seriam instrumentos de descoberta e interpretação da realidade sócio-histórica, servindo como uma metodologia para os estudos culturais e entendimento da sociedade, uma vez que a cultura seria a principal manifestação da hegemonia, seu veículo.

O conceito de hegemonia utilizado por Williams é o resgatado de Gramsci, no qual

a hegemonia supõe a existência de algo verdadeiramente total, não apenas secundário ou superestrutural, como no sentido fraco de ideologia, mas que é vivido em tal profundidade, que satura a sociedade a tal ponto e que, como Gramsci o coloca, constitui mesmo a substância e o limite do senso comum para muitas pessoas sob sua

⁴ Ibid, p. 47.

⁵ Ibid, p. 47.

influência, de maneira que corresponde à realidade da experiência social muito mais nitidamente do que qualquer noção derivada da fórmula de base e superestrutura⁶.

Assim, a hegemonia enfatizaria a realidade da dominação, ao contrário do conceito de totalidade que considera a sociedade como um conjunto de práticas sociais que formam um todo social concreto, interagindo de forma complexa, sem atentar para a intencionalidade e determinação que existe por trás desse conjunto de práticas.

Ao analisar o peso da dimensão cultural nos principais paradigmas das relações internacionais, Hugo Suppo aponta que foi somente no final dos anos 1990 que os estudos sobre o papel do fator cultural no âmbito das relações internacionais ganharam centralidade⁷, principalmente com os estudos de Marcel Merle, propondo a criação de um novo paradigma centrado na dimensão cultural, considerando-a como fator determinante para o entendimento dos comportamentos dos atores internacionais⁸.

Nesse momento, nos estudos das relações internacionais, a dimensão cultural ganhou força e começou a ser entendida não apenas como um subproduto das atividades política e econômica dos Estados, mas também como um fator a ser analisado enquanto mais uma das dimensões envolvidas nas relações entre nações.

No mesmo estudo, a definição de cultura apresentada por Merle converge com a de Williams, segundo o autor, cultura seria “*l’ensemble des systèmes de valeurs et de représentations servant de références à l’identification de groupes nationaux, infra-nationaux ou supranationaux*”.⁹ Embora tal definição pareça incompleta se comparada à noção de hegemonia gramsciana e à noção de diálogo entre cultura e dominação, proposta por Williams, Merle mais à frente, complementa a ideia, afirmando que a questão cultural é um:

*Enjeux politique de première grandeur puisqu’elle permet de contrôler et d’orienter à distance les comportements d’autrui sans avoir à occuper militairement son espace. [...] Le champ culturel, où s’élaborent les systèmes de valeurs, est donc un terrain conflictuel sur lequel les rapports de forces s’exercent en permanence*¹⁰.

⁶ Ibid, p. 51 e 52.

⁷ SUPPO, Hugo R.. O papel da dimensão cultural nos principais paradigmas das relações internacionais. In: Hugo Rogelio Suppo; Mônica Leite Lessa. (Org.). *A quarta dimensão das Relações Internacionais: a dimensão cultural*. 1ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. P. 13.

⁸ MERLE, Marcel. *Forces et enjeux dans les relations internationales*. Paris: Economica, 1985. P.342.

⁹ Tradução livre da autora: “um conjunto de sistema de valores e de representações que servem como referência para a identificação de grupos nacionais, subnacionais ou supranacionais” Ibid, p. 343.

¹⁰ Tradução livre da autora: “questão política de primeira grandeza porque permite controlar e orientar a distância o comportamento dos outros sem ter que ocupar militarmente o espaço. [...] O campo cultural, onde se forjam os

Essa última parte traz nitidamente o conceito de dominação subentendido na ideia de “permite controlar e orientar”, completando a noção de hegemonia no que concerne aos processos culturais quando esse controle e orientação dizem respeito ao comportamento do outro. Merle ainda utiliza o mesmo conceito de Williams, o de sistema de valores. O autor consegue enxergar, no caso das relações internacionais, o “terreno conflitual” com “relações de força” exercidas continuamente.

A partir desse entendimento pode-se, então, buscar uma análise mais crítica das relações culturais internacionais, considerando os pressupostos da Teoria da Cultura proposta por Williams em diálogo com os estudos das relações internacionais, entre o Brasil e a França durante o oitocentos.

Sob essa ótica, o século XIX é um campo fecundo para a análise crítica dos significados e valores culturais que compunham a sociedade brasileira em diálogo com o cenário internacional. Jeffrey Needell em sua obra *Belle époque tropical* (1993), tem como tese central a reflexão de que “a cultura e a sociedade de elite serviram para manter e promover os interesses e a visão da própria elite, e que paradigmas culturais derivados da aristocracia europeia foram adaptados ao meio carioca com esta finalidade”¹¹. Apesar de analisar mais a fundo somente o Rio de Janeiro, Needell traça um panorama cultural abrangente do centro do império e esse centro, ou seja, sua sede, onde encontrava-se concentrado o poder da coroa, servia como inspiração para as demais províncias ditando o tom da elite oitocentista.

Sendo o século XIX o período que abrangeu três das quatro eras nomeadas por Eric Hobsbawm a das Revoluções (1789 - 1848), a do Capital (1848 - 1875) e a dos Impérios (1875 - 1914), no Brasil, ele também tem lugar de destaque na História, uma vez que a chegada da Corte portuguesa, em 1808, iniciou uma época de transformações sem precedentes na história brasileira, com o intuito de transformar o Rio de Janeiro numa sede imperial aceitável aos padrões europeus¹².

sistemas de valores é, portanto, um terreno conflitual, em que as relações de força são exercidas em permanência”. Ibid, p. 379.

¹¹ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na viLes relations culturelles sur le plan rada* do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. P. 11.

¹² HOT, A. D. *Cartas à viscondessa: cotidiano e vida familiar no Brasil Império. Ouro Preto, 1850-1902*. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2010. P. 76.

Com a Coroa e a Corte, não vieram apenas milhares de pessoas, mas também toda uma bagagem cultural, intelectual e institucional que encontrou solo fértil na nova terra, uma vez que a elite local, considerando-se portuguesa, ansiava por uma modernização que tal deslocamento do centro de poder poderia proporcionar. Respondendo às expectativas, uma sucessão de mudanças e adaptações tiveram curso com a intenção de superar as características consideradas atrasadas e adaptar principalmente o Rio de Janeiro aos parâmetros mínimos de civilidade¹³.

Embora, nos primeiros anos da Corte instalada no Brasil, a Inglaterra tenha tido vantagens nítidas e um maior poder sobre não só a Coroa mas sobre todo o comércio e tratados estabelecidos entre o Império português e outras nações, com a derrota de Napoleão na Europa, o cenário transformou-se, e a França e o Brasil intensificaram suas trocas.

Fruto de calorosas discussões acadêmicas¹⁴, a Missão Artística Francesa ocupou um espaço de destaque em meio ao novo projeto de nação que começava a surgir. Em 1816, o rei Dom Joao VI aceitou “a ideia de receber um grupo de artistas vindos da França, cuja tarefa seria, segundo decreto de 12 de agosto de 1816, estabelecer uma Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, a fim de difundir conhecimentos aos homens destinados aos empregos públicos, promovendo ainda o progresso da agricultura, mineralogia, indústria e comércio, mas, sobretudo, fornecer o “socorro estético” que permitiria fazer do Brasil um Reino mais rico e opulento do que qualquer outro”¹⁵.

Portanto, a missão tinha uma dimensão muito mais ampla, serviria como base de um projeto civilizatório, sendo um vínculo marcante entre a cultura francesa, no que ela tinha de mais representativo, e a cultura brasileira.

Tamanho era o interesse de D. João VI no aproveitamento dos franceses como colaboradores nas instituições culturais criadas com a vinda da corte que suas ações criavam, muitas vezes, mal estar dentro do próprio governo, pois o rei, agora com os portos brasileiros

¹³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 460.

¹⁴ As principais referências sobre o assunto são a obra de Afonso de Escagnole Taunay, responsável, inclusive, pela criação do termo “missão”, e a de Adolfo Morales de Los Rios Filho. A questão que se coloca é se os franceses teriam vindo ao Brasil a convite da corte brasileira com a finalidade de criar uma cultura artística, até então presa à raízes religiosas, de mudar o estilo arquitetônico, de embelezar e higienizar os costumes, bem como de criar uma Academia de Belas Artes, ou se, na verdade, não teriam vindo eles exilados, por serem antigos aliados de Napoleão, como defende Mário Pedrosa.

¹⁵ TREVISAN, Anderson Ricardo. Debret e a Missão Artística Francesa de 1816: aspectos da constituição da arte acadêmica no Brasil. *Plural*. São Paulo, v. 14, p. 9-32, dec. 2007. P. 6.

abertos às nações, acolheu, durante o período de guerras napoleônicas, os desertores e traidores de Napoleão e, com a queda dele, passou a acolher os bonapartistas perseguidos ou exilados pelo governo francês.

Frédéric Mauro destaca três outras importantes instituições em que podem ser percebidas a influência e a difusão da cultura francesa no Brasil: a Guarda Nacional (1831), a Escola de Minas de Ouro Preto (1876) e o “Jornal das Famílias”¹⁶.

A Guarda Nacional, um elemento importante da vida do burguês brasileiro a partir de 1831, compreendia uma infantaria, uma cavalaria e uma artilharia e pretendia reproduzir as funções da homônima francesa.

A Escola de Minas, inaugurada em 1876, propunha cursos com duração de 2 anos e tinha como foco matérias ligadas a botânica, física, matemática, química e geologia. A Escola de Minas era totalmente inspirada na Escola de Minas de Paris, famosa pela proeminência de seus professores e alunos, como Henri Gorceix, que veio executar o projeto no Brasil, enquanto Daubrée, diretor da escola de Paris, ocupava-se por procurar professores na França para indicar ao Imperador¹⁷.

O Jornal das Famílias, voltado “aos interesses domésticos das famílias brasileiras”, merece uma atenção especial por ser o foco de diversos estudos, dada sua importância no período¹⁸. Editado pela Garnier entre os anos de 1863 e 1878, é um exemplo claro dos processos discursivos em pauta na formação da mulher e da boa família brasileira. A influência francesa na publicação ia desde as técnicas de impressão (que era feita na França), passando pelo formato, número de páginas e mesmas seções das revistas francesas até, e principalmente, pelas ideias difundidas em suas páginas. O folhetim, moda na França, fora adotado em suas publicações e várias obras célebres foram publicadas sob esse gênero literário, tendo Machado de Assis sido um dos grandes colaboradores. Além disso, a qualidade de sua impressão, com figuras coloridas e com moldes de roupas, era um diferencial na época.

¹⁶ MAURO, Frédéric. *O Brasil no tempo de Dom Pedro II*. São Paulo. Companhia das Letras, 1991. P. 207.

¹⁷ CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas: Papirus, 1994. P. 69.

¹⁸ Ver: PINEHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da humanidade: O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. 2007. Tese (Doutorado na área de Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas. SILVEIRA, Daniela Magalhães. O trabalho feminino no espaço doméstico: gênero e classe no Jornal das Famílias. *TOPOI*. Rio de Janeiro. Vol. 16, n. 31. Jul/Dez 2015. BASTOS, Maria Helena C. Leitura das famílias brasileiras no século XIX: O Jornal das Famílias (1863-1878). *Revista Portuguesa de Educação*. Universidade de Minho, 2002. Vol. 15, n. 2, p. 169-214.

Os três exemplos ilustram nitidamente a influência francesa na sociedade e nas suas instituições. Isso demonstra que as trocas intelectuais entre os dois países não deram-se somente em níveis altos da sociedade, mas sim pairaram e enraizaram-se sob todo o cenário do período, abrangendo, inclusive, o comércio em geral e os jornais de circulação que possuíam em suas páginas diversas propagandas de produtos de origem francesa¹⁹.

De acordo com Mariana Muaze, a segunda metade do século XIX fora marcada por mudanças, em sua maioria influenciadas por ideais franceses, que atravessariam a própria concepção de infância e educação do que ela chamou de a “Boa Sociedade” no Brasil Imperial²⁰. A educação da elite era literária e francesa. A tradição francófila no Rio de Janeiro só aumentaria ao longo do século XIX. Em 1900, a elite da capital incorporara o uso do francês no dia a dia e tinha grande familiaridade com a produção cultural francesa. Tal familiaridade passava pela leitura de clássicos, pela reprodução dos modelos em moda em Paris, pela incorporação de hábitos de vida e era acentuada pelas constantes viagens a Europa²¹. O próprio Colégio Pedro II, referência no período imperial, inaugurado em 1837, apresentava um currículo inspirado na educação clássica francesa, no qual a socialização dos estudantes incorporava os preceitos da educação europeia. Embora restrito ao contexto da capital, o colégio fora considerado o melhor estabelecimento de ensino no Brasil Imperial, tendo parte de suas disciplinas ministradas em francês²².

Acrescenta-se a esses exemplos institucionais a influência do positivismo de Auguste Comte, que tem seu ápice no entre séculos, o papel de Vitor Hugo no romantismo brasileiro, influenciando com seus escritos políticos e no movimento abolicionista, colaborando com o nascimento de um nacionalismo simbolizado pela figura do indígena, e também não se pode esquecer da influência religiosa advinda de Allan Kardec, fundador da doutrina espírita, espalhada melhor no Brasil, onde angariou muito mais fiéis, do que na própria França²³.

Como pode ser visto até aqui, inúmeros são os exemplos ao longo do século XIX em que pode ser observado o alcance da França em terras brasileiras, principalmente através da

¹⁹ Ver periódicos do período: por exemplo edição do Jornal do Commercio de 4 de Janeiro de 1880 que conta com a propaganda de “Xarope e Pasta de Berthe”, “Pílulas Boille”, “Vinhos genuínos francezes”, “Pílulas do Doutor Dehaute de Paris”, “Massa peitoral e Xarope de Nafé de Delangrenier de Paris”.

²⁰ MUAZE, Mariana de A. F. Garantindo hierarquias: educação e instrução infantil na boa sociedade imperial (1840-1889). *Dimensões*. Universidade Federal do Espírito Santo, n. 15, p. 59-84, 2003. P. 60.

²¹ NEEDELL, op.cit., p. 175.

²² Ibid., p. 76.

²³ DROULERS, Martine. Raimbert, Céline. Relance des relations France-Brésil?. *Relations inter-nationales du Brésil, les chemins de la puissance*. L’Harmattan, 2010. v. 2. p. 177-189. P. 178.

análise das instituições e parâmetros usados para basilá-las. No entanto, segundo Williams, ao pensar a superestrutura em uma análise cultural, ela não deve ser vista como determinante.

Williams aponta que:

A linguagem da determinação e, mais ainda, do determinismo foi herdada de explicações idealistas e especialmente teológicas do mundo e do homem. É significativo que em uma de suas inversões familiares – suas contradições das proposições herdadas – Marx utilize a palavra que se torna, na tradução inglesa, “determinar” (em alemão, a palavra usual, mas não invariável, é *bestimmen*). Ele está se opondo a uma ideologia que insistia no poder de certas forças fora do homem, ou, em sua versão secular, em uma consciência determinante abstrata²⁴.

Ratificando essa ideia e acrescentando aqui que “a hegemonia não pode ser entendida no plano da mera opinião ou manipulação”²⁵, os estudos de Monica Leite Lessa sobre as relações culturais internacionais que analisam a política internacional oficial francesa em solos brasileiros ajudam a entender que a proximidade entre ambos os países não fora somente fruto exclusivo da dita afinidade latina ou de uma empatia cultural, mas também parte de um projeto de expansão cultural do governo francês. Para defender seu argumento, a autora utiliza o exemplo do fortalecimento do ensino da língua francesa através da análise de uma das partes desse projeto de inserção cultural: a Aliança Francesa²⁶.

Lessa ressalta que

a presença cultural de um país através do ensino de sua língua no exterior [...] possui a dupla vantagem de realizar a expansão cultural – o que enseja a conquista do mercado da cooperação técnica e científica, e, por extensão, desenvolve o comércio internacional – e “influência cultural, viabilizada através do aprendizado da língua que facilita e fortalece as relações internacionais em todos os sentidos”²⁷.

A autora acrescenta ainda que “a importância da Aliança francesa, como difusora do francês e embaixadora da cultura francesa, surgiu de maneira evidente durante as pesquisas feitas nos arquivos franceses”²⁸.

Não é coincidência, portanto, o fato de a Aliança Francesa, associação fruto de um espírito nacionalista, fundada em Paris no ano de 1883, que via o ensino da língua como sendo a essência do ensino da cultura e motor de todas as outras políticas externas (no momento

²⁴ WILLIAMS, op.cit., p. 44.

²⁵ Ibid., p. 53.

²⁶ LESSA, Monica Leite. A aliança francesa no Brasil: Política oficial de influência cultural (1866-1930). *Clio – Revista de pesquisa histórica*. Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. N. 17. 1998. P. 115-133. P. 115.

²⁷ Ibid., p. 115.

²⁸ Ibid., p. 115.

interessadas no projeto de colonização das regiões periféricas, convencidos da universalidade de sua cultura e da importância de sua história para o mundo), ter, em 1886, decidido fundar e subvencionar escolas francesas no Rio de Janeiro (LESSA, 2000, p. 86).

Embora já houvesse um significativo número de colégios públicos e privados, na capital, onde o francês era ensinado, os responsáveis pelo projeto de expansão da língua francesa acreditavam que o alcance ainda era insuficiente e que uma escola própria teria grande funcionalidade. As subvenções necessárias para respaldar o projeto viriam não só da própria colônia francesa aqui estabelecida, mas também da Aliança Francesa de Reims e Limoges e de alguns brasileiros “notáveis”, entre eles o próprio Imperador D. Pedro II²⁹.

A Aliança Francesa determinara seus meios de ação que tiveram como base:

Fundar e subvencionar escolas francesas ou introduzir cursos de francês nas escolas que não os possuíam; formar professores, se necessário criando uma “Escola Normal”; distribuir recompensas de maneira a estimular a assiduidade dos alunos; distribuir prêmios e bolsas de viagem à França para os melhores alunos; encorajar as publicações capazes de auxiliar e servir à obra da associação, sobretudo as de caráter pedagógico; publicar um Boletim periódico; organizar conferências e outros meios de propaganda³⁰.

Portanto, a criação da Aliança Francesa no Rio de Janeiro, tratava-se de um projeto, não só cultural mas também político e econômico, de caráter privado, que, no entanto, era fortemente apoiado pelo poder público francês. As intenções do Ministério das Relações Exteriores da França eram claras, embora discretas. O Ministério acreditava que, através da difusão e influência da língua, as relações políticas e econômicas seriam mais fluidas. Para tais fins, seus funcionários deveriam contribuir de forma eficaz, mas discreta, para não chamar a atenção de outras grandes potências e evitar possíveis rivalidades³¹.

Assim, fora criado, em 1887, o Liceu de Artes e Ofícios, para meninos entre 7 e 15 anos. No entanto, já em 1891, a Aliança Francesa mudara-se do Liceu e abriu uma escola própria e, em 1906, suprimira o ensino primário e consagrara-se, exclusivamente, ao ensino do francês e da literatura francesa, acrescentando cursos sobre civilização francesa e conferências literárias mensais³².

²⁹ LESSA, Monica Leite. A dimensão cultural das relações internacionais: França e Brasil entre 1886-1934. In: BRACATO, S., MENEZES, A., KOTHE, M. (orgs). *III Simpósio Internacional: Estados Americanos: Relações continentais e intercontinentais – 500 anos de História*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. P. 85-98. P. 86.

³⁰ *Ibid.*, p. 88.

³¹ *Ibid.*, p. 90.

³² *Ibid.*, p. 94.

Com a ideia de que todo cliente de língua francesa é, naturalmente, um cliente dos produtos franceses, a difusão da língua mostrava-se um meio prático de aumentar as relações e de facilitar as exportações do comércio francês para terras brasileiras e, em consequência, de aumentar a produção nacional francesa.

Não é coincidência, portanto, que o período de maiores investimentos franceses no Brasil tenha sido entre 1880 e 1914, fase que Needell chamará de *belle époque* carioca (1898 a 1914).

Graças ao cenário parisiense, às fachadas Beaux-Arts, ao consumo de artigos importados em voga, aos consumidores perdulários, aos *flaneurs* elegantes e aos prédios monumentais destinados a celebrar a alta cultura eurofila, a Avenida Central tornou palpável a fantasia de Civilização compartilhada pelos cariocas de elite na *belle époque*. Ela também sugeria o potencial mágico conferido pelos cariocas à Civilização³³.

Pode-se observar que a construção do considerado civilizado estava intimamente imbuído de noções francesas do que seria ou não aceito, refinado, ou seja, do que seria ou não condizente com o que almejava-se. E essas noções não pairavam apenas na superestrutura da sociedade mas também, como bem aponta Williams, sua eficácia era percebida nas relações interpessoais, na base.

Um estudo realizado acerca do lazer brasileiro, mais precisamente carioca, entre os anos de 1830 e 1930, mostra claramente a influência dos padrões franceses até mesmo na forma de divertir-se do brasileiro. A companhia teatral de João Caetano, que atuou com mais regularidade na primeira metade do século XIX no Rio de Janeiro, devia seu sucesso sobretudo a tragédias neoclássicas, dramas românticos e ao melodrama, divulgando produções de Victor Hugo e Alexandre Dumas, ambos franceses. As temporadas de óperas líricas francesas e italianas do Teatro São Pedro também atraíam grande público. O Teatro São Januário recebeu o nome de Ginásio Dramático em alusão ao *Gymnase Dramatique de Paris*. Para Marzano, “a mudança de nome indicava um projeto. A companhia do Ginásio pretendia renovar o repertório através da encenação de peças de novos autores brasileiros e franceses, que abordassem temas do cotidiano com linguagem simples e direta, ensinando comportamentos e modificando os costumes das plateias”³⁴.

Mais do que o lazer em espaços públicos, “o novo hábito dos saraus e visitas valorizava as anfitriãs, que deviam tocar piano, recitar poemas – de preferência em francês – e comentar as novidades

³³ NEEDELL, op.cit., p. 68.

³⁴ MARZANO, Andrea. A magia dos palcos: o teatro no Rio de Janeiro do século XIX. In: MARZANO, A., DE MELO, V. (orgs). *Vida divertida: Histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: L. Apicuri, 2010. P. 97-124. P. 105.

dos teatros e literatura. Mulher de elite transformavam-se assim em capitais políticos importantes dos maridos”³⁵.

Nas programações dos cafés-concertos, o gênero musical apreciado era de inspiração vaudevillesca francesa, as canções maliciosas, de duplo-sentido, chegavam nos pacotes vindo da Europa, pelas vozes das *chanteuses*³⁶. O violão era conhecido como guitarra francesa, os jardins eram inspirados nos franceses, as *soirées* multiplicavam-se no decorrer do século, professores de dança franceses eram requisitados para ensinar os *entrechats* e os *ails-de-pigeon*³⁷.

As hierarquias e conflitos não desapareciam nos momentos de lazer. Cada vez mais marcados pelas noções de espetacularização e consumo, as vivências públicas tornam-se momentos em que muitas tensões e conflitos sociais vêm à tona. Para intelectuais e autoridades, as diversões deveriam atestar o seu grau de civilização, para outros segmentos sociais, esses momentos serviam para (re)afirmar suas escolhas, preferências e visões de mundo. Cada grupo possuía seus próprios símbolos e significados, com códigos culturais específicos.

Muitas vezes o lazer expressava divergências dentro de um mesmo segmento social, pois suas práticas podiam ser oportunidades para a ostentação do luxo, riqueza e de um determinado lugar social, reforçando hierarquias.

Portanto a hegemonia francesa em vários aspectos da vivência social da elite brasileira no oitocentos pode ser entendida como um conjunto de prática e expectativas que envolvem essa elite, sua compreensão corriqueira da natureza do homem e do seu mundo,

um conjunto de significados e valores que, do modo como são experimentados enquanto práticas, aparecem confirmando-se mutuamente. A hegemonia constitui, então, um sentido de realidade para a maioria das pessoas em uma sociedade, um sentido absoluto por se tratar de uma realidade vivida além da qual se torna muito difícil para a maioria dos membros da sociedade mover-se, e que abrange muitas áreas de suas vidas³⁸.

Karl Doka identifica a França como a primeira potência a instrumentalizar sua cultura como veículo de propaganda e influência³⁹. Entretanto deve-se ressaltar que a hegemonia não é única em uma sociedade, suas estruturas internas são complexas e devem ser renovadas, recriadas, para manterem-se. O sistema central de práticas francesas que reafirmava hierarquias

³⁵ Ibid., p. 107.

³⁶ SILVA, Ermínia. A teatralidade circense no Rio de Janeiro no século XIX. In: MARZANO, A., DE MELO, V. (orgs). *Vida divertida: Histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. P. 125-152. P. 147.

³⁷ DEL PRIORE, Mary. “Em casa, fazendo graça” domesticidade, família e lazer entre a colônia e o império. In: MARZANO, A., DE MELO, V. (orgs). *Vida divertida: Histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. P. 17-48. P. 33.

³⁸ WILLIAMS, op.cit., p. 53.

³⁹ DOKA, Karl. *Les relations culturelles sur le plan international*. Neufchâtel. Ed. La Baconnière, 1959.

foi aos poucos tornando-se obsoleto e pouco eficaz no mundo que transformava-se, principalmente devido às duas grandes guerras e às novas potências que emergiam ao longo do século XX.

No Brasil, as mudanças ocorreram, mas não a ponto de alterar radicalmente dois fenômenos centrais: o controle exercido pela elite e sua expressão sociocultural. Segundo Lessa “a língua, decodificador essencial para a compreensão da cultura francesa, foi aos poucos sendo substituída pelo inglês e alemão [...], idiomas talvez menos aristocráticos mas seguramente mais *à l’ordre du jour*⁴⁰.

BIBLIOGRAFIA

- CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas: Papirus, 1994.
- DEL PRIORE, Mary. “Em casa, fazendo graça” domesticidade, família e lazer entre a colônia e o império. In: MARZANO, A., DE MELO, V. (orgs). *Vida divertida: Histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro L Apicuri, 2010. P. 17-48.
- DOKA, Karl. *Les relations culturelles sur le plan international*. Neufchâtel. Ed. La Baconnière, 1959.
- DROULERS, Martine. Raimbert, Céline. *Relance des relations France-Brésil?. Relations internationales du Brésil, les chemins de la puissance*. L’Harmattan, 2010. v. 2. p. 177-189.
- HOT, A. D. *Cartas à viscondessa: cotidiano e vida familiar no Brasil Império*. Ouro Preto, 1850-1902. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2010.
- LESSA, Monica Leite. A aliança francesa no Brasil: Política oficial de influência cultural (1866-1930). *Clio – Revista de pesquisa histórica*. Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. N. 17. 1998. P. 115-133.
- _____. A dimensão cultural das relações internacionais: França e Brasil entre 1886-1934. In: BRACATO, S., MENEZES, A., KOTHE, M. (orgs). *III Simpósio Internacional: Estados Americanos: Relações continentais e intercontinentais – 500 anos de História*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. P. 85-98.
- MARZANO, Andrea. A magia dos palcos: o teatro no Rio de Janeiro do século XIX. In: MARZANO, A., DE MELO, V. (orgs). *Vida divertida: Histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro L Apicuri, 2010. P. 97-124.
- MAURO, Frédéric. *O Brasil no tempo de Dom Pedro II*. São Paulo. Companhia das Letras, 1991.
- MERLE, Marcel. *Forces et enjeux dans les relations internationales*. Paris: Economica, 1985.
- MUAZE, Mariana de A. F. Garantindo hierarquias: educação e instrução infantil na boa sociedade imperial (1840-1889). *Dimensões*. Universidade Federal do Espírito Santo, n. 15, p. 59-84, 2003.

⁴⁰ LESSA, 1998, op.cit., p. 129.

- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na viLes relations culturelles sur le plan rada* do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Ermínia. A teatralidade circense no Rio de Janeiro no século XIX. In: MARZANO, A., DE MELO, V. (orgs). *Vida divertida: Histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de JaneiroL Apicuri, 2010. P. 125-152.
- SUPPO, Hugo R.. O papel da dimensão cultural nos principais paradigmas das relações internacionais. In: Hugo Rogelio Suppo; Mônica Leite Lessa. (Org.). *A quarta dimensão das Relações Internacionais: a dimensão cultural*. 1ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012, p. 13-43.
- TREVISAN, Anderson Ricardo. Debret e a Missão Artística Francesa de 1816: aspectos da constituição da arte acadêmica no Brasil. *Plural*. São Paulo, v. 14, p. 9-32, dec. 2007.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.